Uma variante mais forte e a apatia coletiva

As aglomerações propositais não diminuem nas capitais brasileiras, em contrapartida, o cenário filantrópico cresce no país

Por Klyvia Costa



Foto por AMMA

Desde o início da pandemia de Covid-19 que teve início em março de 2020, o Brasil vem enfrentando sua maior crise sanitária e hospitalar, conforme está destacado no Boletim Extraordinário do Observatório Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): atrasos na vacinação, boicote às medidas protetivas e a diminuição na quantia do auxílio emergencial constituem até o momento o cenário do país. Com a queda de pessoas permanecendo rigorosamente em casa, casos de aglomerações propositais cresceram nas capitais brasileiras. Apenas na cidade de Goiânia na última semana de maio, três festas clandestinas com cerca de 200 pessoas foram fechadas pela Guarda Civil Metropolitana, ao todo 74 pessoas não estavam usando máscaras. Boa parte dos indivíduos autuados nestas ocasiões eram jovens adultos. Um reflexo dessas atitudes são as ocupações de leitos em enfermarias e unidades de terapia intensiva chegando em 84%, em alguns estados do país esse número chega a 98%. Recentemente uma das novas variantes em circulação nomeada P1, acomete jovens e adultos de meia idade, infectando famílias inteiras.

Lucas Freitas, 22, foi um desses jovens. O acadêmico de engenharia elétrica testou positivo em 20 de maio. Freitas suspeita que se infectou ao fazer uma viagem com um grupo de amigos. Ao retornar para casa, em poucos dias apresentou os primeiros sintomas: tosse, garganta seca e falta de ar. Não demorou para que os

membros de sua família também apresentassem os mesmos sintomas. “Nos primeiros dias tive tontura, dor de cabeça forte e dores no corpo, principalmente muita dor no peito”, relata o jovem “Mesmo agora depois de quase quatro semanas em casa, ainda sinto dores e falta de ar.” Lucas diz que seus pais ainda sentem dificuldades em fazer certos exercícios do dia-a-dia e isso atrapalha seus desempenhos no ambiente de trabalho.

Em meio a isso, o próprio presidente da república Jair Bolsonaro participou ao todo de 84 aglomerações desde o início da pandemia. Enquanto em um único dia o Brasil bateu o número de 399 mil mortes, o presidente gastou um total de 18,4 milhões de reais em deslocações pelo Brasil, promovendo aglomerações de apoiadores. Essas atitudes vêm sendo discutidas na CPI da Covid, onde, além disso, trouxeram questionamentos e investigações voltadas para a crise em Manaus, que ocorreu em janeiro desse ano. Aglomerações em alta na capital Amazonense e a procura por leitos hospitalares dispararam durante os dias 14 e 15 de janeiro. A PF acusa desvio de 28 milhões de reais em verbas destinados ao combate da Covid. De um lado da sociedade, jovens aglomeravam em festas clandestinas, do outro, famílias perdiam seus entes queridos por falta de leitos e oxigênio. Raimundo Costa Branco, 47, foi uma das vítimas do descaso governamental e apático da sociedade. Raimundo era diabético e hipertenso. “Meu esposo sofreu um acidente em novembro de 2020, quebrou a clavícula em um acidente de moto e depois disso, precisamos esperar mais 30 dias para que ele fosse operado porque no hospital em que ele foi socorrido, no mesmo dia que aconteceu o acidente em cinco de novembro não tinha leito e aí começou o nosso sofrimento”, relata Flay Azevedo de Araújo, 45, viúva de Raimundo Costa Branco. “Nós conseguimos pelo governo uma vaga para dezembro de 2020 e ele fez essa cirurgia, mas depois de sete dias ele começou a passar mal, teve complicações, muito vômito e muitas dores abdominais. Tentei ligar para o hospital em que ele fez a cirurgia, mas só mandavam procurar outros hospitais porque lá não havia mais vagas, não consegui atendimento. Foi durante a época em que Manaus passou por uma segunda onda da Covid-19 e o governo do Amazonas não estava preparado, faltou oxigênio, faltou leitos, foi terrível. Uma situação horrorosa aqui na nossa cidade.” Flay explica que muitas vezes ela foi barrada com o marido nas portas dos hospitais pois só estavam sendo atendidas pessoas que estavam comprovadamente atestadas com Covid-19. “Nós conseguimos arrecadar um dinheiro para fazermos o exame, porque nos hospitais também não tinham condições de fazer pelo SUS, então a família conseguiu o dinheiro, mas já foi muito tarde. Ele precisava fazer outra cirurgia urgente, mas mesmo com o exame que comprovava que estava infectado (pela Covid) foi tarde demais.” Flay complementa que acredita que houve falta de empatia das enfermeiras, recepcionistas e principalmente do governador do estado.

A esperança em meio ao caos

Mesmo com a impressão de uma sociedade anestesiada em relação aos sentimentos de compaixão e amor ao próximo, a filantropia teve um impulso significativo durante a pandemia de Covid-19. De acordo com registros das entidades Grupo de Institutos Fundações e Empresas (GIFE) e a Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR), em 2018 as doações que antes somavam 3,25 bilhões de reais cresceram no início da pandemia em 6,9 bilhões de reais. Grande parte delas aconteceu no começo da crise, ainda em março de 2020. No início de 2021, o ritmo chegou a apresentar certa queda, mas com a segunda onda de novas internações e a preocupante situação de vida da parcela menos favorecida da sociedade, o número de doações voltou a crescer. O ano de 2021 fechou o mês de abril com 150 milhões de reais aplicados na filantropia, o dado mais alto registrado desde agosto de 2020.

Ainda em relação à crise presenciada em Manaus, ONGs se mobilizaram em atender de alguma forma os pacientes em hospitais da capital. Entre eles, o Instituto Ágape. Fundada em 2015 com a finalidade de beneficiar comunidades periféricas em Manaus, o Instituto abrange sua ajuda em dois bairros. Suellen Araujo, presidenta do Instituto Ágape explica que no início de 2015, o instituto arrecadava doações de roupas e cestas básicas, mas que a partir de 2016 o grupo passou a focar na área da educação, dando reforço escolar a 40 crianças. Desde 2016 até mais recentemente, o instituto alfabetizou aproximadamente 400 crianças. “Além disso, também temos cursos de empreendedorismo para as mães dessas crianças. Cursos de culinária, artesanato, informática básica, curso de inglês e até aulas de violão”, relata Suellen. “Mas com o início da pandemia, tivemos que suspender todas as nossas atividades presenciais.” O Instituto Ágape tem parceria com a Rede Amazônica, afilial da rede Globo no estado, por meio deles, a ONG usufrui de um espaço cedido no Shopping ViaNorte.

Com o fechamento dos shoppings, o grupo precisou paralisar todas as atividades com a comunidade. “Tivemos que focar em conseguir doações em itens de higiene e limpeza, equipamentos de proteção como máscaras, álcool em gel e também cestas básicas. As famílias dos nossos alunos começaram a nos procurar porque começaram a perder seus empregos. Começou a crescer bastante o índice de desemprego e consequentemente o de miséria. Então começamos a fazer campanhas. Arrecadamos mais de 1.000 cestas básicas em três campanhas e a gente distribuiu para diversas famílias.” Suellen conta que em 14 de janeiro de 2021, com o colapso da saúde pública em Manaus, a ONG disponibilizou um pix por meio de



uma publicação na conta do Instagram do Instituto. O post sobre a campanha viralizou e logo a arrecadação de dinheiro foi crescendo. “Foi uma surpresa para a gente, porque ainda estávamos divulgando a campanha. Já tínhamos arrecadado mais ou menos 4 mil reais em quatro dias e do nada, começamos a receber muitas doações. Quando fomos ver nas redes sociais, descobrimos que o post viralizou. Uma conta no Instagram com oito milhões de seguidores divulgou nossa campanha e a partir disso vários artistas começaram a nos procurar para saber a melhor forma de como contribuir.” Com isso, o Instituto Ágape passou a receber doações por pix, dinheiro e equipamentos. Foram arrecadados cerca de 950 cilindros de oxigênio, de 50 litros cada e passaram a distribuir entre os hospitais da capital e nos municípios. Atualmente, o instituto se prepara para retornar as suas atividades presenciais de alfabetização com as crianças. Devido a burocracia, o projeto ainda não tem uma conta jurídica. Retornando o enfoque para esses projetos sociais, o Instituto Ágape Manaus ainda recebe doações pelo pix: suelenaraujo8@gmail.com.

O número de mortes em massa explica a apatia na sociedade

O conceito de apatia dada pela psicologia é de indiferença, despreocupação, desencantamento e desapego. Ocorre um esgotamento de energias e a pessoa se sente letárgico insensível e muitas vezes “paralisado”, desanimado e desmotivado. “Os indivíduos apáticos são facilmente identificados pela sua passividade e indiferença. A apatia faz parte de alguns transtornos mentais, como depressão, luto, mas nem sempre significa doença”, conforme explica a psicóloga Marilena Padilha Arndt. Em um cenário com várias tragédias ocorrendo no país, à população esquece rápido. “Existe uma coisa que nossos poderes, tanto empresariais quanto públicos contam com a apatia das pessoas, assim a tragédia será esquecida. É mais barato responder a um dano eventual do que criar um sistema coletivo de prevenção de tragédias, bem como a conscientização da população. Como não ocorre uma punição eficaz para os culpados, como exemplo a pandemia, a população fica desacreditada, desmotivada, indiferente, insensível, sem força para lutar. Até fazem manifestações no calor das emoções, mas logo desistem, não tem continuidade.”

Em relação a algum meio de driblar essa falta de emoção, Marilena ainda explica que como a sociedade está vivendo um momento atípico, nesse contexto de pandemia e incertezas, é comum que as emoções tomem proporções e intensidades bem maiores do que o habitual. A sobrecarga emocional durante a pandemia é uma realidade. A melhor forma de cuidarmos da saúde nesse cenário é se proteger, tomar a vacina, ser consciente e evitar aglomerações. “Regule a sua exposição às informações, busque informações confiáveis, realizada com pesquisas científicas. Busque ajuda psicológica se necessário, mas é importante ter consciência dos riscos. A doença é real, o vírus é invisível e fatal”, complementa.